

DA MESMA AUTORA DO BESTSELLER MUNDIAL A TODOS OS RAPAZES QUE AMEI

TEREMOS SEMPRE O VERÃO

LIVRO 3

JENNY HAN

A photograph of three teenagers sitting on a sandy beach, looking out at the ocean. The scene is captured in a warm, golden-hour light. The two boys on the sides are wearing light blue shirts, and the girl in the middle is wearing a white top. Their shadows are cast on the sand in front of them.

SECRET
SOCIETY



SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Luto

Morte

Perda

Relações tóxicas

Traição

Violência

*Para as minhas duas Emilys:
Emily van Beek, és a minha embaixadora de quando
Emily Thomas Meehan, fiquemos juntas para sempre
Com amor, a vossa miúda*

Nas noites de quarta-feira, quando eu era pequena, eu e a minha mãe víamos musicais antigos. Era uma coisa nossa. Às vezes, o meu pai ou o Steven apareciam e assistiam a um bocado, mas éramos quase sempre eu e a minha mãe no sofá com uma manta e uma taça de pipocas doces, todas as quartas-feiras. Víamos *O Alegre Forasteiro*, *West Side Story*, *Não Há Como a Nossa Casa*, dos quais eu gostava de todos, e *Serenata à Chuva*, de que eu gostava mesmo. Mas, para mim, nenhum chegava aos calcanhares de *Como É Bom Amar*. De todos os musicais, *Como É Bom Amar* era o meu preferido. Via-o uma e outra vez, tantas vezes quantas a minha mãe aguentasse. Tal como Kim MacAfee diante de mim, eu queria usar rímel e batom e saltos altos e ter aquele «ar de mulher adulta feliz», queria ouvir os rapazes a assobiar e saber que era para mim. Queria crescer e ser como a Kim, porque ela tinha isso tudo.

E depois, chegada a hora de ir para a cama, eu cantava «Amamos-te, Conrad, oh, sim, amamos. Amamos-te, Conrad, e seremos reais» para o espelho da casa de banho com a boca cheia de pasta dos dentes. Cantava do fundo do meu coração de 8-9-10 anos. Mas não cantava para o Conrad Birdie, cantava para

o meu Conrad. Conrad Beck Fisher, o rapaz dos meus sonhos de pré-adolescente.

Até hoje, só amei dois rapazes — ambos de apelido Fisher. O Conrad foi o primeiro e amei-o como se ama pela primeira vez. É o tipo de amor de quem não sabe tudo e não quer saber — é entontecedor, pateta e intenso. Esse tipo de amor só acontece uma vez.

E, depois, houve o Jeremiah. Quando eu olhava para o Jeremiah, via passado, presente e futuro. Ele não conhecia apenas a rapariga que eu habitualmente era. Ele conhecia o meu eu presente e ainda assim amava-me.

Os meus dois grandes amores. Acho que sempre soube que um dia seria Belly Fisher. Só não sabia que ia acontecer desta forma.



capítulo 1

Quando se chega à semana dos exames e se passou cinco horas seguidas a estudar, são necessárias três coisas para aguentar a noite. O maior granizado possível, metade cereja, metade cola. Calças de pijama, daquelas que já foram lavadas tantas vezes que são finas como papel. E, por fim, pausas para dançar. Montes de pausas para dançar. Quando os olhos começam a fechar-se e só se quer ir para a cama, as pausas para dançar ajudam a ultrapassar isso.

Eram quatro da manhã e eu estudava para o meu último exame de primeiro ano na Universidade Finch. Estava acampada na biblioteca da minha residência com a minha nova grande amiga, Anika Johnson, e a minha velha grande amiga, Taylor Jewel. As férias de verão estavam à porta, quase lhes sentia o gosto. Só faltavam cinco dias. Eu estava em contagem decrescente desde abril.

— Pergunta-me — ordenou a Taylor, com a voz arranhada.

Abri o meu bloco de notas numa página ao calhas.

— Defina *anima* por oposição a *animus*.

A Taylor mordeu o lábio inferior.

— Dá-me uma pista.

— Humm... pensa no latim.

— Eu não tive latim! Vai sair latim neste exame?

— Não, estava só a tentar dar-te uma pista. Porque em latim os nomes de rapazes acabam em -us e os de raparigas em -a, e *anima* é o arquétipo feminino e *animus* o arquétipo masculino. Percebeste?

Ela largou um grande suspiro.

— Não. O mais provável é chumbar.

Levantando os olhos do bloco de notas, a Anika disse:

— Se calhar, se parasses de trocar mensagens e começasses a estudar, não chumbarias.

A Taylor lançou-lhe um olhar fulminante.

— Estou a ajudar a minha irmã mais velha a planear o nosso pequeno-almoço de final de ano, por isso esta noite tenho de estar de plantão.

— De plantão? — A Anika pareceu divertida. — Como um médico?

— Sim, tal e qual um médico — disparou a Taylor.

— E então, panquecas ou waffles?

— Rabanadas, por favor.

Nós as três frequentávamos a mesma aula de Psicologia do primeiro ano e o meu exame e o da Taylor era no dia seguinte. A Anika tinha exame dali a dois dias. A Anika era a minha amiga mais chegada na escola, além da Taylor. Tendo em conta o quanto a Taylor é competitiva por natureza, foi uma amizade que lhe provocou uma boa dose de ciúmes, embora ela nunca vá admiti-lo, nem daqui a um milhão de anos.

A minha amizade com a Anika era diferente da minha amizade com a Taylor. A Anika era descontraída e uma companhia fácil. Não fazia julgamentos precipitados. Mas, mais do que isso tudo, dava-me espaço para ser diferente. Não me conhecia desde sempre, pelo que não tinha expectativas nem ideias preconcebidas. Havia uma certa liberdade nisso. E não era como nenhum dos meus amigos em casa. Ela era de Nova Iorque e o seu pai era músico de jazz, enquanto a mãe era escritora.



Um par de horas mais tarde, o Sol nascia e projetava no quarto uma luz azulada, e a Taylor estava de cabeça baixa, enquanto a Anika olhava para o vazio como uma zombie.

Enrolei duas bolas de papel no meu colo e atirei-as às minhas duas amigas.

— Pausa para dançar — cantarolei enquanto carregava no play no meu computador. Abanei-me um bocado na cadeira.

A Anika brindou-me com um olhar furioso.

— Porque é que estás tão animada?

— Porque — respondi, batendo com as palmas das mãos —, daqui a umas horas tudo terá acabado.

O meu exame era só às 13 horas, pelo que o meu plano passava por regressar ao meu quarto e dormir um par de horas, e depois acordar a tempo de estudar um pouco mais.



Dormi mais do que devia, mas ainda consegui estudar mais uma hora. Não tive tempo de ir ao refeitório para o pequeno-almoço, pelo que me limitei a beber uma Cherry Coke que retirei da máquina de venda automática.

O teste revelou-se tão difícil como seria de esperar, mas fiquei convencida de que tiraria pelo menos um B¹. A Taylor ficou convencida de que não chumbaria, o que era bom. Sentíamo-nos ambas demasiado cansadas para celebrar, pelo que nos limitámos a «dar cá mais cinco» e cada uma seguiu o seu caminho.

Regressei ao meu quarto na residência, pronta para uma sesta até, pelo menos, à hora do jantar, e quando abri a porta ali estava o Jeremiah, a dormir na minha cama. A dormir, fazia lembrar um menino, mesmo com a barba de três dias. Estava estendido em cima do meu edredão, com os pés pendurados sobre a beira da cama, agarrado ao meu urso de peluche.

¹ Por norma, o sistema de notas nas universidades norte-americanas vai de A a F, sendo A o valor mais elevado. [N. T.]



Descalcei-me e subi sorrateiramente para a cama grande, deitando-me ao lado dele. Remexeu-se, abriu os olhos e disse:

— Olá.

— Olá — respondi.

— Como é que correu?

— Bastante bem.

— Ótimo. — Largou o Junior Mint e abraçou-me. — Trouxe-te metade da minha sanduíche italiana do almoço.

— És um querido — disse eu, aninhando a cabeça no ombro dele.

Beijou-me o cabelo.

— Não posso permitir que a minha namorada falhe refeições a torto e a direito.

— Foi só o pequeno-almoço — salientei. Depois de pensar melhor, acrescentei: — E o almoço.

— Queres agora a sandes? Está na minha pasta.

Agora que pensava nisso, sentia fome, mas também sono.

— Talvez mais logo — disse, cerrando os olhos.

Ele voltou então a cair no sono, tal como eu. Quando acordei, estava escuro lá fora, o Junior Mint caíra ao chão e os braços do Jeremiah envolviam-me. Ele ainda dormia.

Tínhamos começado a andar mesmo antes de eu entrar para o meu último ano da secundária. «Andar» não seria o termo certo. Basicamente, estávamos juntos. Aconteceu tudo de maneira tão fácil e rápida que até parecia que sempre tinha sido assim. Num momento, éramos amigos, depois já nos beijávamos e, quando dei por ela, candidatava-me à mesma universidade que ele. Disse a mim mesma e a toda a gente que era uma boa escola, a poucas horas de casa e que fazia sentido candidatar-me, que mantinha as minhas opções em aberto. Tudo isso era verdade. Mas, acima de tudo, o que eu mais queria era estar junto dele. Queria-o em todas as estações, não apenas no verão.

Agora, ali estávamos, deitados na minha cama na residência universitária. Ele andava no segundo ano e eu acabava o meu



ano de caloirá. Era uma loucura o ponto a que tínhamos chegado. Conhecíamos-nos desde crianças e, por um lado, até foi uma grande surpresa — mas por outro, parecia inevitável.





capítulo 2

A república do jeremiah ia dar uma festa de final de ano. Em menos de uma semana, partiríamos de Finch para regressarmos apenas no fim de agosto. Sempre apreciei mais o tempo de verão, mas, agora que ia finalmente regressar a casa, de certa maneira era agrídoce. Estava habituada a encontrar-me todas as manhãs com o Jeremiah no refeitório para o pequeno-almoço e a tratar da roupa à noite na residência da república dele. Ele era bom a dobrar-me as t-shirts.

Naquele verão, ele ia estagiar de novo na empresa do pai e eu ia servir às mesas num restaurante familiar chamado Behrs, tal como fizera no verão passado. O nosso plano passava por nos encontrarmos na casa de praia de Cousins sempre que pudéssemos. No verão anterior, nem por uma vez lá conseguimos ir. Andávamos tão ocupados com os nossos empregos. Aproveitei todos os turnos para poupar dinheiro para a escola. Ao mesmo tempo, senti um pequeno vazio dentro de mim, no meu primeiro verão sem ir a Cousins.

Havia uns quantos pirilampos no exterior. Escurecera havia pouco e a noite não se apresentava muito quente. Eu usava saltos altos, o que era uma estupidez, dado que, num impulso de última

hora, decidi ir a pé em vez de apanhar o autocarro. Calculei que fosse a última vez em muito tempo que atravessaria o campus numa noite agradável como aquela.

Convidara a Anika e a nossa amiga Shay para me acompanharem, mas a Anika tinha uma festa com o seu grupo de dança e a Shay já terminara os exames e apanhara um avião para casa, no Texas. A república da Taylor estava a ter um encontro, pelo que ela também não vinha. Era apenas eu e os meus pés doridos.

Eu tinha enviado uma mensagem de texto ao Jeremiah a informá-lo de que ia a caminho, e a pé, pelo que levaria ainda um bocado. Tive de parar várias vezes para ajustar os sapatos, pois magoavam-me na parte de trás do pé. Cheguei à conclusão definitiva de que os saltos altos eram uma estupidez.

A meio caminho, vi-o sentado no meu banco preferido. Levantou-se assim que me viu.

— Surpresa!

— Não era preciso vires ter comigo — frisei, mas sentindo-me muito feliz por ele ter vindo. Sentei-me no banco.

— Estás muito sexy — comentou.

Mesmo agora, depois de já sermos namorados há dois anos, ainda corava um pouco quando ele dizia coisas assim.

— Obrigada — agradei. Eu trazia um vestido sem mangas que a Anika me emprestara. Era branco com flores azuis e alças de folhos.

— Esse vestido faz-me lembrar o *Música no Coração*, mas de uma maneira sexy.

— Obrigada — voltei a dizer. *Seria que o vestido me deixava parecida com a Fräulein Maria?*, pensei eu. Isso não me parecia nada bom. Alisei um pouco os folhos.

Um par de tipos que eu não conhecia parou para cumprimentar o Jeremiah, mas eu mantive-me quieta no banco para poder descansar os pés.

Quando se foram embora, ele perguntou:

— Pronta?



Resmoneei.

— Os meus pés estão a dar cabo de mim. Os saltos altos são uma estupidez.

O Jeremiah agachou-se e disse:

— Salta, rapariga.

Aos risinhos, trepei para as costas dele. Ria-me sempre que me chamava «rapariga». Não conseguia evitar. Era divertido.

Ele içou-me e eu abracei-o pelo pescoço.

— O teu pai vem na segunda-feira? — perguntou o Jeremiah enquanto atravessávamos o relvado principal.

— Sim. Vais ajudar, certo?

— Vá lá. Estou a transportar-te pelo campus. Também tenho de te ajudar a mudar?

Dei-lhe uma palmada na cabeça e ele esquivou-se.

— OK, OK — disse ele.

A seguir juntei os lábios ao seu pescoço e soprei, ruidosamente, fazendo-o gritar como uma menina. Ri-me durante todo o caminho.



capítulo 3

Na sede da república do Jeremiah, as portas estavam escancaradas e via-se gente a passear no relvado da frente. Havia luzes de Natal multicoloridas penduradas aleatoriamente por todo o lado — na caixa do correio, no alpendre da frente, até a delimitar o passeio. Instalaram três piscinas insufláveis de criança onde as pessoas se estendiam como se estivessem em banheiras. Viam-se tipos a correr com pistolas de água a esguicharem cerveja para a boca uns dos outros. Algumas das raparigas vestiam biquínis.

Saltei das costas do Jeremiah e descalcei-me na relva.

— Os caloiros fizeram um belo trabalho com isto — comentou o Jeremiah, assentindo de modo aprovador para as piscinas de criança. — Trouxeste fato de banho? — Eu abanei a cabeça. — Queres que veja se alguma das raparigas tem um a mais? — ofereceu.

— Não, obrigada — respondi logo.

Conhecia a república do Jeremiah de visitar a casa, mas não conhecia muito bem as raparigas. A maioria delas era da Zeta Phi, a república irmã da do Jeremiah. Isso significava que organizavam encontros e festas em conjunto, esse tipo de coisas. O Jeremiah quis que eu entrasse na Zeta Phi, mas recusei por não poder pagar

as propinas e mais um extra para viver numa casa da república, mas foi mais por querer fazer amizade com todos os tipos de rapariga, não apenas as que conheceria na república. Segundo a Taylor, a Zeta Phi era para miúdas de festas e cabras, em oposição à sua, alegadamente mais clássica e exclusiva. E muito mais focada no serviço comunitário, acrescentou após uma breve reflexão.

As raparigas continuavam a aparecer e a abraçar o Jeremiah. Disseram-me «olá» e eu respondi e depois subi as escadas para pousar a minha bolsa no quarto do Jeremiah. Ao descer as escadas, via-a.

A Lacie Barone, com calças de ganga justas, um top de seda e sapatos vermelhos de salto alto em pele que, no máximo, a deixavam com um metro e sessenta, conversava com o Jeremiah. A Lacie era a diretora social da Zeta Phi e andava no terceiro ano — era um ano mais velha do que o Jere e dois anos mais velha do que eu. O seu cabelo era castanho-escuro, a dar-lhe pelo queixo e cheio de movimento, e ela era baixa e magra. Pelos padrões de qualquer pessoa, era muito gira. Segundo a Taylor, tinha um fraquinho pelo Jeremiah. Eu disse à Taylor que isso não me incomodava minimamente, e estava a falar a sério. Porque é que me havia de interessar?

Era evidente que as raparigas gostavam do Jeremiah. Ele era o tipo de rapaz de quem as raparigas gostavam. Mas até uma rapariga gira como a Lacey não tinha efeito em nós. Éramos um casal com um passado de anos. Eu conhecia-o melhor do que ninguém, tal como ele a mim, e sabia que o Jere nunca olharia para outra rapariga.

O Jeremiah viu-me nessa altura e acenou-me para que me aproximasse. Acerquei-me deles e disse:

— Olá, Lacie.

— Olá — cumprimentou-me ela.

Puxando-me para ele, o Jeremiah disse:

— A Lacie no outono vai estudar para o estrangeiro, em Paris. — Virou-se para a Lacie e disse-lhe: — No próximo verão, nós queremos ir de mochila às costas viajar pela Europa.



Sorvendo a sua bebida, ela disse:

— Isso é porreiro. Que países?

— Sem dúvida que vamos a França — respondeu o Jeremiah.

— A Belly fala fluentemente francês.

— Isso não é verdade — corrigi, envergonhada. — Só tive aulas na secundária.

A Lacie disse:

— Oh, eu também sou um desastre. Para ser sincera, só quero ir para comer montes de queijo e chocolate.

Tinha uma voz surpreendentemente rouca para alguém tão pequeno. Pensei se fumaria. Sorriu-me e concluí que a Taylor se enganara em relação a ela, era simpática.

Quando se afastou uns minutos depois para ir buscar uma bebida, comentei:

— É simpática.

O Jeremiah encolheu os ombros e disse:

— Sim, é porreira. Queres que te vá buscar uma bebida?

— Pode ser — respondi.

Conduziu-me pelos ombros e plantou-me no sofá.

— Senta-te aqui. Não mexas nem um músculo. Volto já.

Observei-o a abrir caminho por entre a multidão, orgulhosa por poder chamar-lhe meu. O meu namorado, o meu Jeremiah. O primeiro rapaz ao lado de quem eu alguma vez adormeci. O primeiro rapaz a quem contei que entrei acidentalmente no quarto dos meus pais quando eles estavam em pleno ato, tinha eu 8 anos. O primeiro rapaz que me foi comprar Midol por causa das câibras terríveis da menstruação, o primeiro rapaz a pintar-me as unhas do pés, a segurar-me o cabelo enquanto eu vomitava daquela vez em que me embebedei a valer em frente a todos os seus amigos, o primeiro a deixar um bilhete de amor no quadro branco pendurado à porta do meu quarto na residência universitária.

ÉS O LEITE PARA O MEU BATIDO,
Para todo o sempre. Com amor, J.

Foi o primeiro rapaz que beijei. Era o meu melhor amigo.
Cada vez mais, como vim a perceber. Era assim que devia ser.
Era o tal. O meu tal.



capítulo 4

Era mais tarde, naquela noite.

Dançávamos e eu tinha os braços em volta do pescoço do Jeremiah, e a música pulsava à nossa volta. Sentia-me corada e bastante animada, devido à dança e ao álcool. A sala abarrotava de gente, mas quando o Jere olhava para mim não havia mais ninguém. Apenas eu e ele.

Ele estendeu o braço e prendeu-me um fio de cabelo atrás da orelha. Disse algo que não ouvi.

— O quê? — gritei.

Ele gritou:

— Nunca cortes o cabelo, está bem?

— Tem de ser! Se não fico a parecer... uma bruxa.

— Não te ouço. — O Jeremiah tapou os ouvidos.

— Bruxa! — Sacudi o cabelo em redor do rosto para enfatizar e fingi que mexia um caldeirão e casquinava.

— Gosto de ti *bruxosa* — disse-me ao ouvido. — E que tal aparar, apenas?

Gritei:

— Prometo não cortar o cabelo curto se prometeres desistir do teu sonho da barba!

Desde o Dia de Ação de Graças que falava em deixar crescer a barba, quando alguns amigos da secundária fizeram uma competição para ver quem deixava crescer mais. Disse-lhe que nem pensasse nisso, que me fazia recordar muito o meu pai.

— Vou pensar nisso — disse ele, beijando-me.

Sabia a cerveja, e provavelmente passar-se-ia o mesmo comigo.

Depois, o Tom, o «irmão» da república do Jeremiah — também conhecido por Redbird² por razões que eu desconhecia —, viu-nos e lançou-se na direção do Jeremiah como se fosse um touro. Andava em roupa interior e trazia na mão uma garrafa de água. E não eram bóxeres, mas sim uns slips brancos justos.

— Larga, larga! — gritou ele.

Começaram a pegar um com o outro na brincadeira e depois o Jeremiah prendeu o Tom pela cabeça, com a garrafa de água deste a derramar por cima de mim e do vestido da Anika.

— Desculpa, desculpa — murmurou ele. Quando o Tom estava mesmo bêbedo, dizia as coisas duas vezes.

— Não tem mal — disse eu, torcendo a saia e tentando não olhar para a metade inferior do corpo dele.

Afastei-me para limpar o vestido na casa de banho, mas deparei com uma fila enorme, pelo que fui à cozinha. Havia gente a tomar body shots na mesa da cozinha; outro «irmão» do Jeremiah, o Luke, lambia sal do umbigo de uma rapariga ruiva.

— Oi, Isabel — disse ele, olhando para cima.

— Hum, oi, Luke — respondi. A seguir, avistei uma rapariga a vomitar no lava-loiça e pirei-me dali.

Dirigi-me à casa de banho do primeiro andar. No cimo das escadas, espremi-me para passar por um casal que estava a curtir e sem querer pisei a mão do rapaz.

— Desculpa — disse eu, mas ele pareceu nem reparar, dado que tinha a outra mão na blusa da rapariga.

² Em português traduz-se por «pássaro vermelho». [N. T.]



Quando por fim cheguei à casa de banho, tranquei a porta atrás de mim e suspirei de alívio. Aquela festa estava a revelar-se ainda mais louca do que o habitual. Calculei que com o final do ano letivo à porta e os exames terminados, toda a gente extravasasse a tensão. Até fiquei satisfeita por a Anika não ter podido vir. Não seria a cena dela — nem sequer era a minha, aliás.

Esfreguei sabonete líquido nas manchas molhadas e cruzei os dedos para que não deixasse marcas. Alguém tentou abrir a porta e avisei:

— Só um segundo.

Enquanto ali estava, a esfregar o vestido, ouvi raparigas do outro lado a conversar. Não estava propriamente a prestar atenção até ouvir a voz da Lacie. Ouvi-a dizer:

— Ele hoje está particularmente giro, não achas?

Outra voz comentou:

— Ele está sempre giro.

Ela arrastou as palavras ao reagir:

— Se está.

Outra rapariga disse:

— Tenho tanta inveja por teres curtido com ele.

Numa voz cantarolada, a Lacie disse:

— O que acontece no Cabo, fica no Cabo.

De repente, senti-me zozza. Encostei-me à porta da casa de banho para me segurar. Não podiam estar a falar do Jeremiah. De maneira nenhuma.

Alguém bateu à porta e assustei-me.

Sem pensar, abri-a. A Lacie levou a mão à boca quando me viu. A outra rapariga parecia que tinha levado um soco no estômago. Senti uma dor física. Apercebi-me das outras raparigas a inspirarem com força, mas tudo se dissipou. Senti-me sonâmbula ao passar por ela e pelas raparigas, e ao percorrer o corredor.

Não podia acreditar. Não podia ser verdade. Não o meu Jere.

Fui para o quarto dele e tranquei a porta. Sentei-me na cama, com os joelhos puxados até ao peito, com aquilo a dar voltas e



voltas na minha mente. *O que acontece no Cabo, fica no Cabo.* O olhar na cara da Lacie, o modo como as outras raparigas arquejavam. Aquilo passava repetidamente na minha mente, como um filme. Os dois a conversarem naquela noite. O modo como ele tinha encolhido os ombros quando eu comentei que ela era simpática.

Eu tinha de ter a certeza. Tinha de o ouvir da boca do Jeremiah.

Saí do quarto dele e fui procurá-lo. Enquanto o fazia, senti o choque a transformar-se em raiva. Forcei a passagem por entre a multidão. Uma rapariga embriagada exclamou «Eil!» com uma voz arrastada quando lhe pisei o pé, mas não parei para lhe dizer «desculpa».

Encontrei-o, finalmente, parado lá fora a beber cerveja com os amigos da república. À porta, disse-lhe:

— Preciso de falar contigo.

— Só um segundo, Bells — disse ele.

— Não. Já.

O pessoal começou a abrir caminho e a dizer:

— Ai, ai, alguém está em apuros.

— O Fisher está tão tramado.

Esperei.

O Jeremiah deve ter percebido algo no meu olhar, porque me seguiu até ao interior da casa, pelas escadas acima e até ao seu quarto. Fechei a porta atrás de mim.

— O que é que se passa? — perguntou-me, com um ar bastante preocupado.

Praticamente cuspi as palavras.

— Andaste enrolado com a Lacie Barone nas férias da Páscoa?

O Jeremiah ficou lívido.

— O quê?

— Curtiste com ela?

— Belly...

— Eu sabia — sussurrei. — Eu sabia.

Apesar de não saber, na realidade. Eu não sabia nada.

— Espera lá, espera lá.



— Espera lá? — gritei. — Oh, meu Deus, Jere. Oh, meu Deus. Afundei-me no chão. Já não me aguentava nas pernas.

O Jeremiah ajoelhou-se ao meu lado e tentou ajudar-me a levantar, mas eu afastei-lhe as mãos à palmada.

— Não me toques.

Baixou-se no chão junto a mim, com a cabeça dependurada entre os joelhos.

— Belly, foi quando estivemos separados. Quando acabámos. — Olhei fixamente para ele.

A nossa dita separação durara uma semana. Nem sequer foi uma verdadeira separação, pelo menos para mim. Sempre assumi que iríamos retomar. Passei a semana a chorar, enquanto ele estava no Cabo a beijar a Lacie Barone.

— Tu sabias que não era mesmo uma separação! Sabias que não era real!

Pesaroso, ele disse:

— E como é que eu ia saber?

— Se eu sabia, também devias saber!

Ele engoliu em seco e a sua maçã de Adão subiu e desceu.

— A Lacie não me largou a semana inteira. Não me deixava em paz. Juro-te, eu não queria curtir com ela. Simplesmente, aconteceu. — A voz dele soçobrou.

Senti-me tão imunda por dentro ao ouvi-lo dizer aquilo. Enojada. Não queria pensar nos dois, imaginá-los.

— Cala-te — ordenei. — Não quero ouvir.

— Foi um erro.

— Um erro? Chamas a isso um erro? Um erro é quando deixas os meus chinelos de duche no chuveiro e eles ficam com bolor e tenho de os deitar fora. Isso é um erro, seu idiota. — Desatei a chorar.

Ele não disse nada. Limitou-se a ficar ali sentado, a aguentar, de cabeça baixa.

— Já nem sei quem tu és. — Senti o estômago às voltas. — Acho que vou vomitar.

*A vida pode seguir em duas direções.
É pegar ou largar.
Este foi um desses momentos. Grandioso.
Não os há muito maiores do que este.*



Prestes a conseguir o seu final feliz, e com a certeza de que Jeremiah é a sua alma gêmea, Belly rumo à casa de praia, o lugar perfeito para parar e respirar.

Mas o reencontro com Conrad desperta a nostalgia de um primeiro grande amor que se guardou em segurança.

Será que a relação com Jeremiah tem mesmo futuro?

E terá Belly realmente esquecido Conrad?

**Chegou o tão aguardado momento
em que Belly tem de decidir
qual dos dois irmãos conquistou
definitivamente o seu coração.**

Fotografia de capa © 2025 Amazon Content Services, LLC



Penguin
Random House
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.seekthebutterfly.pt)
[secretsocietypt](https://www.instagram.com/secretsocietypt)
[#seekthebutterfly](https://www.instagram.com/seekthebutterfly)

ISBN: 978-989-563-939-1



9

7 89895 839391

